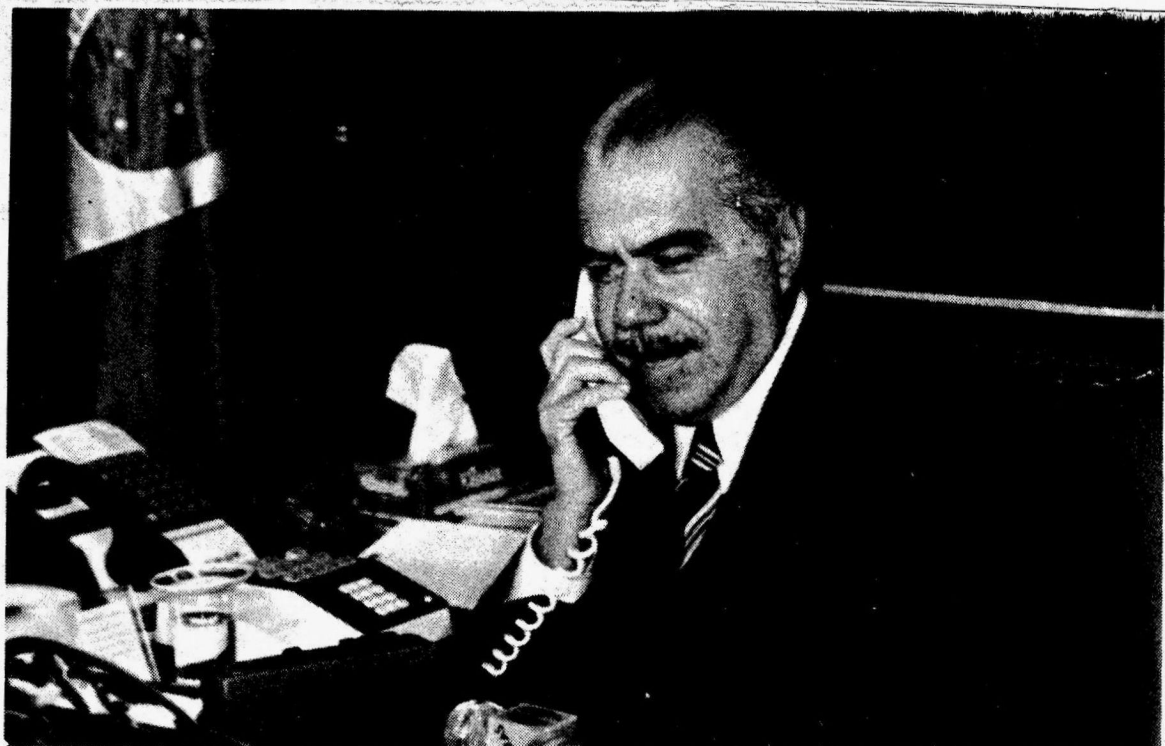




O presidente da República condenou o pessimismo e negou a impopularidade de seu governo

JORNAL DE BRASÍLIA

Divida Externa

17 JAN 1987

Sarney descarta a ida do país ao FMI

Bartolomeu Rodrigues
Da Agência Estado

O presidente José Sarney descartou ontem por completo, em entrevista exclusiva ao "Estado" e "JT", a ida do Brasil ao Fundo Monetário Internacional (FMI), caso fracassem as tentativas de obter dinheiro novo no exterior, conforme a admitir o presidente do Banco Central, Fernando Bracher. Segundo Sarney, o governo brasileiro possui "uma posição muito bem definida e clara a esse respeito", que é a de não aceitar nenhum tipo de monitoramento da economia nacional pelo Fundo.

Ele aproveitou também para condenar o "pessimismo" e a "onda de derrotismo" que segundo ele parecem tomar conta do país, justamente quando o sentimento deveria ser de franco otimismo. Para o presidente da República, há razões para acreditar que o Brasil vive um período de retomada de crescimento, e embora a população seja obrigada a conviver com uma crise de abastecimento — responsável pela impopularidade do governo e desgastes dos ministros da área econômica —, "está no caminho certo dentro dos trilhos" e não vai ficar pior do que está.

O presidente julga importante lembrar que pela primeira vez em muitos anos a nação vire uma situação de pleno emprego, tendo sido a razão porque citou o número de anúncio de ofertas de empregos publicados pelo "O Estado". Para ele, as análises econômicas veiculadas pela imprensa não fazem referências a esses números, preferindo traçar um quadro de desgaste ao governo. Citou como

exemplo a sua viagem a Foz do Iguaçu, no Paraná, onde se noticiava uma alarmante greve dos barrageiros da hidrelétrica de Itaipu. "Não vi grevistas e por onde tenho passado vejo as pessoas aplaudindo", disse.

Esse tipo de constatação fez ainda o presidente Sarney descartar os números negativos de sua popularidade tabulados por institutos de opinião pública. Disse ter recebido do "Gallup" o resultado de uma pesquisa demonstrando que sua imagem não sofreu sérios danos passados dois meses da edição do Plano Cruzado II. A leitura dos números fornecidos pelo instituto dá ao presidente pouco mais de 80 pontos de popularidade, conforme revelou Sarney, contrariando as informações segundo as quais ele conta com um saldo de três pontos negativos na escala da pesquisa. Na verdade o "Gallup" revela que 47% da população consideraram que o desempenho do presidente está "bem ou muito bem", 50% "regular, mal ou muito mal", enquanto 3% simplesmente não opinaram. Sarney corrigiu dizendo que os critérios das notas e classificações dados pelo instituto, nesta pesquisa, foram diferentes. Mas advertiu que não está preocupado com a sua popularidade, "pois não sou presidente com objetivo de ser carismático ou grande líder".

Cansado de torcer pelo Plano Cruzado, o presidente José Sarney estava ontem completamente esgotado e afônico, lembrando o esforço que fez durante o jantar dos governadores na última quarta-feira. Ainda ontem, as pastilhas ingeridas para aliviar a irritação na garganta não foram suficientes para que o impedissem de pigarrear

nos dois discursos que pronunciou em Foz do Iguaçu.

Mas, para tanto esforço o presidente parece sentir-se recompensado, principalmente por ter conseguido o aval dos governadores do PMDB à sua política econômica. Para ele, a reunião com os governadores teve um sentido especial por ampliar o leque de participação do pacto que deseja efetivar com as classes políticas e trabalhadoras. Sarney disse que considera igualmente importante o pacto negociado pelo ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, com as lideranças sindicais, quanto o que agora vem promovendo com as lideranças políticas. "Tenho repetido que estamos vivendo um momento de transição democrática, que nos leva a buscar o diálogo com todos esses segmentos", frisou. Em troca, o presidente disse que o seu governo tem a oferecer um país em prosperidade nos campos políticos, social e econômico.

Sarney fez também questão de corrigir duas notícias sobre declarações atribuídas a ele: primeiro, "Não estou atacando a grande imprensa", como chegaram a dizer alguns políticos do PMDB, numa tentativa de demonstrar o grau de descontentamento do presidente da República com o noticiário sobre o governo; segundo, classificou de "invenção" uma notícia de que teria advertido, asperamente, os ministros Dilson Funaro, da Fazenda, e João Sayad, do Planejamento, quando descobriu o impasse político gerado pelo "gatilho salarial". Segundo o presidente, em nenhum momento dirigiu-se aos ministros dizendo que eles haviam mentido quando idealizaram o "gatilho", e que eram agora responsáveis por uma crise com o PMDB.

Presidente acredita no futuro

«O país em que um só jornal — O Estado de S. Paulo — publica o anúncio da procura de 5.050 empregos, num só dia, é realmente um país que não pode ter medo do futuro» — disse ontem, enfático, o presidente José Sarney, no seu programa "Conversa ao pé do rádio", que vai ao ar todas as sextas-feiras às 6 horas da manhã, através de uma cadeia voluntária de emissoras integradas à Radiobrás. O presidente Sarney reconhece que «o Brasil, como o Japão, os Estados Unidos e a União Soviética, têm problemas, sim. Mas são problemas perfeitamente administráveis».

«Em todo lugar existem problemas. Mas não vejo nesses países,

nem em todos os lugares, se anunciando a catástrofe, o pessimismo, a retórica da desgraça e do medo, do protesto e do desânimo, e sim, a certeza de que a história do homem será sempre uma história da coragem de enfrentar problemas, de buscar soluções, e que a sociedade deve colaborar, participar desse controle de soluções».

Para Sarney, «a história do povo brasileiro tem sido uma história da coragem de vencer dificuldades e de não ficar prisioneiro do pessimismo, ou prisioneiro de dificuldades que possam aparecer. O Brasil não tem por que ter medo do futuro, porque o país venceu no passado, vence no presente e vencerá no futuro todos

os seus problemas. E nós estamos aqui para administrá-los. Há dificuldades, mas a retórica do pessimismo é um novo tipo de especulação, igual àquela que todos nós combatemos».

Segundo o Presidente da República, «os que especularam com a inflação no passado estão agora especulando com o anúncio da inflação no futuro. Verdade que nós temos uma inflação corretiva, que já era esperada, depois de um ano de preços estáveis. Ela será tratada dentro dos limites realistas e estaremos atentos, tomando as medidas necessárias. Essa tarefa não será só do governo, será de todos» — acrescenta.